

honestas realidades diárias é, para vós, homens e mulheres do mundo, coisa oposta à vontade de Deus.» (cfr. 114 o.c.);

«Eu vos asseguro, meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intrascendente das acções diárias, ela transborda da transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em fazer poesia heróica da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a Terra. Mas não; onde se unem deveras é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida de cada dia...» (cfr. 116 o.c.);

«Mas jamais esse cristão se lembra de pensar ou dizer que desce do templo ao mundo para representar a Igreja, e que as suas soluções são as soluções católicas daqueles problemas. Isso não pode ser, meus filhos! Isso seria clericalismo, catolicismo oficial, ou como quiserdes chamá-lo. De qualquer modo, seria violentar a natureza das coisas. Tendes de difundir por toda a parte uma verdadeira mentalidade laical, que há-de levar os cristãos a três consequências:

a serem suficientemente honrados para arcarem com a sua responsabilidade pessoal;

a serem suficientemente cristãos para respeitarem aqueles dos seus irmãos na fé que proponham — em matérias discutíveis — soluções diversas das suas;

a serem suficientemente católicos para não se servirem da nossa Mãe, a Igreja, misturando-a com partidários humanos.» (cfr. 117 o.c.).

Bem recordo que, acabada a sua leitura, de uma grande beleza formal adequada à riqueza do conteúdo, perpassou um frémito de entusiasmo na numerosa assembleia. Nessa altura ainda não vigorava a «liturgia do aplauso» e não passava pela cabeça de ninguém interromper a Missa com palmas... mas, sem as ouvir, nunca as senti tão perto.

Acima dos gostos e das modas — sempre oportunistas — a linguagem clara, franca e sobrenatural de Mons. Escrivá parece um eco fiel da palavra evangélica: «Seja o teu falar, sim sim, não não».

R. D.

Direito Canónico

LE TOURNEAU, Dominique, **O Opus Dei**.
Ed. Rei dos Livros. 1 vol. de 110 ps.
200×140. Lisboa 1985.

O livro «o Opus Dei», de Dominique Le Torneau, em boa hora editado pela Editora Rei dos Livros, tradução do n.º 2207 da colecção «Que sais-je?», que teve profunda divulgação em França, é um elemento precioso e indispensável para conhecer o Opus Dei.

Aí se encontra uma descrição muito pormenorizada, embora necessariamente sintética, que satisfaz a curiosidade dos leitores, ultrapassando mesmo a muitos nas suas expectativas. A organização interna do Opus Dei, os compromissos que assumem os seus membros leigos ou sacerdotes seculares, são claramente descritos, bem como o apostolado que realizam, pessoalmente

em colaboração, e as obras apostólicas que promovem, na sua maioria em colaboração com outros cidadãos, cristãos ou não, nos diferentes países em que o Opus Dei está implantado.

O seu maior interesse reside principalmente na referência à espiritualidade de que vivem estes homens e mulheres de todos os sectores da sociedade e que gira à volta da santificação do trabalho quotidiano, das ocupações correntes do dia-a-dia: familiares, profissionais, sociais, etc. Esta vocação à santidade do quotidiano foi uma grande novidade na vida da Igreja, que se antecipou ao Vaticano II, como o testemunham várias figuras proeminentes da Igreja, como por exemplo o cardeal Luciani pouco antes de ser eleito Papa, e o próprio João Paulo II. São numerosos os textos de Mons. Escrivá recolhidos no presente volume, que ilustram e fun-

damentam esta ascética e nos dão uma perspectiva histórica. Daí resulta fácil concluir-se que a única comparação que se pode fazer com os membros do Opus Dei, é a da vida dos primeiros cristãos, que se esforçaram por viver integralmente a sua fé, em todas as circunstâncias em que se desenrolava a sua actividade, sem abandonarem o mundo.

A Santa Sé que já desde 1950 tinha aprovado definitivamente o espírito do Opus Dei, «homologou» — se assim se pode dizer — este novo modo de procurar a santidade, através das ocupações quotidianas, erigindo recentemente (28 de Novembro de 1982) o Opus Dei em Prelatura pessoal, figura jurídica nova, procedente do Concílio Vaticano II, e aplicada pela primeira vez ao Opus Dei. Um capítulo dedica-

do à história jurídica do Opus Dei, permite situar a Prelatura pessoal na organização hierárquica e pastoral da Igreja católica e precisar as relações dos fiéis da Prelatura com os Bispos diocesanos. Embora aparentemente parece um assunto delicado, torna-se muito claro de entender após a leitura do referido capítulo: um membro do Opus Dei depende como qualquer fiel do seu Bispo; mas também depende do Prelado do Opus Dei quanto aos compromissos específicos de natureza espiritual que por vocação, pessoalmente assumiu.

Não deixou o Tradutor de nos dar também na presente edição dados do trabalho apostólico do Opus Dei no nosso País.

J. A. Marques

Teologia Pastoral

ROCHA MARTINS, Mons. Alberto, **Sermão da Evocação do Primeiro de Dezembro de 1640**. Ed. do Autor. 1 vol. de 240 ps. 210×160. Barcelos 1985.

O Autor não esconde, nestas páginas, o seu ardente amor à Pátria, que pretende incutir aos novos, numa hora «de apagada e vil tristeza», como esta em que vivemos.

Estamos ainda mal refeitos do de-sastre da revoltante descolonização feita pelos traidores de Portugal, que tudo entregaram aos nossos inimigos: história, povo, bens, isto é, passado, presente e, querem entregar o futuro.

Mons. Alberto Rocha Martins, num estilo encantador, sabe entusiasmar os novos para que se unam e façam levantar da miséria em que o prostraram este gigante do passado, Portugal, que foi grande por causa da grandeza dos seus filhos.

Este sermão deve ler-se, meditando nas causas da nossa desgraça para as remover, pois «viver é subir» diz o consagrado Autor.

José Arieiro

ROCHA MARTINS, Mons. Alberto, **Sermões e alocuções. II**. Ed. do Autor. 1 vol. de 126 ps. 210×160. Barcelos 1985.

Estes Sermões foram pregados na Catedral de Braga, na Igreja dos Congregados da mesma cidade e do Porto e no Largo do Paço, em Braga, na Semana Santa (Sermão das sete Palavras).

Há muita diferença num sermão ouvido e lido, como bem se compreende. No Sermão ouvido, falam-nos as qualidades do Orador; voz, gesto, comunicação com o auditório, vibração dos sentimentos etc. No Sermão lido, sobretudo por quem não conhece o Orador, admira-se a beleza da forma, a clareza das ideias, etc., mas, como é evidente, falta-nos alguma coisa, que é a vida transmitida.

Quem conhece este Orador, sabe completar, sem dificuldade, estes belíssimos sermões, que despertaram nos ouvintes tanto entusiasmo e fomentam nos leitores a verdadeira piedade. Mons. Rocha Martins fala para convencer, para entusiasmar, para